

As concepções de Albert Camus sobre jornalismo e a prática jornalística

Arthur Freire Simões Pires

Arthur Freire Simões
Pires

Doutorando e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM/PUCRS) e graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

E-mail: grohsarthur@gmail.com

Resumo:

O artigo observa o ensaísmo jornalístico de Albert Camus com o intuito de compreender e refletir acerca da concepção do autor no que se refere ao jornalismo e o fazer jornalístico. Para isso, é feita uma contextualização do período em que o argelino estava inserido durante a publicação dos textos, na tentativa de elucidar a temperatura fornecida pelas condições históricas. Depois, um esboço da linha cronológica do autor como parte do processo de compreensão de seu pensamento e sua formação enquanto pensador. Por fim, o estudo percebe que Camus dispunha de aversão aos jornais financiados pela publicidade e pelo grande capital, salientando que, na ausência de independência, há corrupção dos valores jornalísticos. Para ele, a prática jornalística requer um olhar doutrinário sobre a sociedade, sendo, em linhas gerais, uma profissão intelectualizada. O jornalismo, em seu turno, excede o caráter puramente prático, pois exige compromisso ético do indivíduo com a coletividade, funcionando, sobretudo, como baliza moral da sociedade na qual está inserido.

Palavras-chave: Albert Camus; Teoria do Jornalismo; História do Pensamento Jornalístico.

Albert Camus' conceptions on journalism and the journalistic practice

Abstract:

The article observes the journalistic essayism of Albert Camus in order to understand and reflect on the author's conception regarding Journalism and journalistic practice. In order to do so, it was elaborated a contextualization of the period in which the Algerian writer was inserted during the publication of the texts, in an attempt to elucidate the temperature provided by the historical conditions. Then, an outline of the author's chronological line as part of the process of understanding his thought and his formation as a thinker. Finally, the study realizes that Camus had an aversion to newspapers financed by advertising and big capital, noting that, in the absence of independence, there is corruption of journalistic values. In his outlook, journalistic practice requires a doctrinal look at society, being, in general terms, an intellectualized profession. Journalism, in its turn, exceeds the purely practical character, as it requires ethical commitment from the individual to the collectivity, functioning above all as a moral beacon of the society in which it is inserted.

Keywords: Albert Camus; Journalism Theory; History of Journalistic Thinking.

Aspectos introdutórios

A efervescência beligerante na Europa Ocidental da primeira metade do último século fomentou uma série de discussões na área política, sobretudo no quesito da intelectualidade. O período que circunda a II Guerra Mundial, em especial, consolidou-se como um divisor de águas. Em razão da ascensão dos movimentos totalitários e do arrivismo bélico empreendido pelos dois lados do confronto, agentes políticos, intelectuais consagrados, jornalistas e diferentes atores do debate público se posicionaram diante de questões sobressalentes àquele contexto. Em meio às instabilidades propagadas pela circunstancialidade belicista, os posicionamentos de envolvidos adquiriram status sintomáticos acerca de suas aspirações.

Considerando o caso da França, país esse que teve participação direta na guerra, é possível perceber que as divergências políticas se acirraram na medida em que a possibilidade de invasão do exército nazista sobre o território francês ganhava cada vez concretude, amparado, acima de tudo, por apoio popular e institucional, conforme elucidado nas palavras do historiador Eric Hobsbawm (1995, p. 165), afinal, a França foi um caso extremo, pois, faltava “qualquer continuidade com o governo francês de 1940, que fizera a paz e cooperara com os alemães”. Desta maneira, a simpatia em relação aos movimentos fascistas ganhava força com “os radicais de direita, os conservadores, ricos locais e outros cujo principal terror era a revolução social”, ou seja, o sentimento nacionalista e anticomunista se espalhava por setores influentes, assim “tendiam a simpatizar, ou pelo menos a não se opor aos alemães” (HOBBSAWM, 1995, p. 166). Como consequência, ao ver seu país refém de uma milícia alinhada com o totalitarismo genocida, uma minoria se organizou em um grupo de resistência (*La Résistance*) e, depois, fundaram um periódico para dar movimento às suas palavras. É, então, neste veículo que Pascal Pia (pseudônimo de Pierre Durand), jornalista francês (que durante um período estivera radicado na Argélia), chama um correligionário para encabeçar, no posto de editor-chefe, o projeto deste jornal, o *Combat*.

Ao aceitar o convite, Albert Camus irrompera o cenário francês para perpetuar seu nome na história do pensamento ocidental. Consagrado por sua literatura, abominado pelas críticas tecidas em seu ensaísmo, o escritor argelino, em pouco tempo, emerge em escalada ascendente das origens miseráveis da periferia de sua Argélia natal rumo aos restritos círculos sociais da intelectualidade francesa. Apesar da boa recepção que seu romance solar *O estrangeiro* [1942] lhe proporcionou, foi em virtude de sua atuação jornalística que Camus teve a luz dos holofotes lançadas sobre si — ou, conforme Judt (2014, p. 126), “foi seu papel como principal intelectual público da França, a voz moral de sua época, que pesou mais fortemente sobre Camus”. Foi através do jornalismo, apesar de dispor de profícua produção literária, que Camus se notabilizou perante a opinião pública. Os vários editoriais e artigos publicados no *Combat* proporcionaram ao público uma faceta da cosmovisão do autor — disposta ao longo de uma constelação de obras na esteira do pensamento camusiano.

Conciliando ofícios de literato, jornalista e pensador livre, o argelino teve, após a publicação de *O homem revoltado* [1951], sua derrocada pública. De acordo com Judt (2014), houve um verdadeiro boicote contra Camus, em razão de seus posicionamentos inflexíveis em relação ao pragmatismo político empreendido pela França após o *restabelecimento* de sua democracia. A crítica, na realidade, era arraigada para todos aqueles que, em nome do triunfo belicista, defenderam alianças com estados totalitários ou que representavam antinomias à liberdade e aos valores democráticos.

Camus colocava de cabeça para baixo a defesa intelectual convencional do terror revolucionário então em voga: não são as ambições e ações da União Soviética que são tornadas explicáveis e defensáveis por analogia com as realizações dos jacobinos; antes, é a Revolução Francesa, e a própria noção de revolução, que é posta em questão pelo que agora sabemos dos custos do terror e da violência, e pelo modo como os revolucionários do presente invocam seus antepassados franceses em seu próprio apoio e defesa (JUDT, 2014, p. 135).

O primeiro estágio foi a cisão, através de resenhas e réplicas ao seu ensaio por periódicos comandados por, em outrora, afetos do pensador argelino — como o caso da ruptura com Jean-Paul Sartre, editor da *Le Temps Modernes*. A primeira resenha, de Francis Jeanson, teve réplica de Camus e, depois, tréplica de Sartre. A dissensão é considerada sintomática das disputas prosaicas dos intelectuais públicos franceses da época (ARONSON, 2007; DOSSE, 2021; JUDT, 2014). Depois, as consequências da ruptura foram, em essência, descrédito em relação a obra de Camus; sofrendo “as condescendências dos círculos influentes da moda intelectual parisiense” (JUDT, 2014, p. 145). Isto posto, a investigação de Camus enquanto jornalista oferece um horizonte idiossincrático para os estudos em jornalismo; pois, em conformidade com a arguição da jornalista espanhola María Santos-Sainz (2016), trata-se de uma personalidade que possui, em sua cronologia, identificação com as camadas mais populares em razão de suas origens. Além disso, sobre sua formação, apresenta um casamento indissolúvel com valores que moldaram sua visão de vida — englobando aí a perspectiva política, existencial, ética etc. — a reboque de sua ascensão social sem descolamento de suas origens (CAMUS, 2012). Estes dados corroboram para o argumento de que o estudo do jornalismo camusiano fornece uma leitura particular sobre a profissão — tanto em sua dimensão prática quanto ética e teórica —, sobre o papel exercido na sociedade ocidental e sobre o período histórico no qual Camus estava inserido, bem como as leituras conjunturais do pensador sobre seu contexto.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa e cunho exploratório sobre os ensaios de Camus publicados no jornal francês *Combat* durante a metade do século XX — compilados por Jacqueline Lévi-Valensi na obra *Albert Camus à Combat* ([2002] 2007). Para isso, após a presente seção erigir as condições históricas sob as quais estavam submetidos os artigos jornalísticos em seu período de publicação, este trabalho terá mais duas partições: a subsequente esboça a cronologia de Camus, a fim de explicar os contextos formadores de seu pensamento e compreensão do perfil do autor, enquanto a última realiza o exame ao qual este estudo se propõe, isto é, a análise do ponto de vista do escritor sobre a imprensa, evidenciando sua compreensão sobre o jornalismo e o fazer jornalístico.

A trajetória de Camus

As origens do escritor argelino estão fixadas no expediente de uma família colona pobre. Nascido em uma vinícola em Mondoví (hoje Dréan) e com origens francesas e espanholas, Camus (2018, p. 15) escreveu que as circunstâncias paupérrimas que o forjaram colaboraram para a correção de “uma indiferença natural”, uma vez que fora “colocado a meio caminho entre a miséria e o sol”. A pobreza fora agravada com a prematura morte do pai, fazendo com que sua mãe — uma faxineira analfabeta e parcialmente surda — tivesse que trabalhar de maneira altamente exaustiva para sustentar a família. A transição da família do interior para a cidade culminou com a instalação em Belcourt, um dos bairros mais segregados e violentos de Argel até hoje. Sua condição mudara apenas quando um professor, Louis Germain, intercedera por Albert, pois, via aptidão diferenciada nele, ainda muito novo, e, em virtude disso, conseguira uma bolsa de estudos no principal liceu da capital da Argélia. A continuidade dos estudos permitiu que novos horizontes fossem formados.

Ingressara, após conclusão de seu período no liceu, na Universidade de Argel e estudara Filosofia — neste período, escrevera sua primeira obra, *O avesso e o direito* [*L'envers et l'endroit*, 1937], com textos que datam de seus 22 a 23 anos (CAMUS, 2018). Como capítulo subsequente de sua vida, Camus tivera sua progressão rumo à docência negada em razão de sua tuberculose e abria mão da carreira acadêmica. Devido ao seu trânsito na arena política — sobretudo em partidos de orientação comunista e em prol da libertação da Argélia —, ele decidira focar seus esforços na escrita e, além da redação literária, passara também a integrar a redação do jornal *Alger Républicain*, comandado por Pascal Pia.

A criticidade e a trajetória de vida de Camus tiveram papel fundamental no exercício da profissão, uma vez que suas pautas eram, em maioria, voltadas para a questão do desamparo, da violência, da segregação e, em linhas gerais, da injustiça. María Santos-Sainz (2016) destaca, sobretudo, o veloz processo de identificação do escritor com o jornalismo, realizando-se por fornecer uma contrapartida cidadã respaldada em seus ideais e valores próprios — bem como sua noção de verdade. A ambição insurgente do jornal, independente e inquietado pelas dificuldades cotidianas da Argélia, saía pela culatra. A censura estatal rendeu dias difíceis à redação que, por sua vez, foram agravados graças às reverberações econômicas causadas pela II Guerra Mundial (como o custo do papel-jornal). Pouco mais de um ano depois de seu ingresso em *Alger Républicain*, Camus assistira o encerramento do projeto.

Sua participação neste periódico viveu seu auge durante a série de reportagens *Miséria da Cabília* [*Misère de la Kabylie*, 1939]. O então jovem repórter viajou para a região mencionada e detalhou o expediente do povo cabile que, conforme seu trabalho investigativo apresentou, percia pela fome, pobreza e falta de educação. Escrita na primeira pessoa, a sequência de textos marcava o estilo jornalístico que acompanharia Camus ao longo da carreira, com grande poder descritivo e vastos dados para embasar a argumentação disposta nas páginas do veículo. As diferentes faces da miséria foram destrinchadas em formato jornalístico e *reveladas* para a comunidade argelina; fora através das palavras que aquele desamparo, ressaltado por meio do título do trabalho de reportagem, fora desvelado do obscurantismo das autoridades — o escritor versara, em especial, sobre a condição social sob a qual a população da região estava submetida naquele momento. Como resultado desta linha editorial insurgente, Camus e seus correligionários passaram a ser *persona non grata* (KAPLAN, 2013; SAINZ-SANTOS, 2016).

Com o exílio, a parceria com Pascal Pia fora reeditada em dois projetos distintos, ambos proporcionados pelo convite de Pia, o primeiro no *Paris-Soir* e, depois, no *Combat*. O período entre um e outro fora marcado pela contratação de Camus, por indicação de intelectuais como André Malraux, Jean Paulhan e Roger du Gard, pela editora Gallimard como leitor de manuscritos. Por meio da esteira da editora, Camus viabilizara a publicação de *O estrangeiro* e *O mito de Sísifo*, ambos em 1942, e, dois anos mais tarde, passara a incorporar a redação do segundo jornal mencionado, como editor-chefe. Seu trabalho no *Combat* iniciara nos últimos meses da invasão das tropas hitleristas no território francês, no hiato entre a III e a IV República (HOBSBAWM, 1995), e deixara a redação cinco anos depois, no fim de 1947.

O caso do *Combat* exige caracterização mais minuciosa. As circunstâncias da época colocavam Pia com cada vez encargos políticos dentro do *Comité National de la Résistance* [Comitê Nacional da Resistência] — órgão estratégico para o enfrentamento da França de Vichy (como ficou conhecida a França durante a ocupação nazista). Logo, em meio ao processo de convergência de dois movimentos resistentes (*Petit Ailes* e *Liberté*) em um só (o *Combat*), o editor de uma publicação Claude Bourdet é preso e, então, a indicação do nome de Camus é feita. Nesse momento, diga-se de passagem, o estado de sítio exigia uma engenharia própria para

a publicação dos periódicos: “os artigos são com frequência redigidos em Paris, mas compostos em Lyon. [...]. Camus diz-se disposto a assumir todas as tarefas úteis: sabe escrever e paginar. Os textos são fotograados e enviados até quinze impressores na França”, conforme descrito pelo biógrafo Olivier Todd (1998, p. 357). Ademais, “expedir jornais pelo correio ou por trem é arriscado. Um pacote marcado como ‘produtos de manutenção’ aterrissa na casa de um comerciante de tintas desavisado. Aturdido, presta queixa à polícia, que suspeita dele. ‘Está vendo, é tão perigoso não fazer resistência quanto fazê-la’ — diz Camus” (TODD, 1998, p. 357-358). Os membros de la *Résistance* recebiam documentos falsos a fim de despistar as autoridades e, quando parte dos veículos jornalísticos, escreviam em anonimato ou utilizando pseudônimos (no caso de Camus, recebe, dentre outros, os falsários Albert Mathé e Albert Bauchard).

A operação clandestina do *Combat* foi bem-sucedida e, segundo dados coletados por Todd, em apenas 20 ocasiões a polícia de Vichy conseguiu identificar autores de ataques e saqueios estratégicos. Enquanto isso, o jornal, que deveria ser quinzenal, mas acabou se tornando mensal, difundia seu ideário com um expediente pautado pelo articulismo. Ainda de acordo com o biógrafo francês, um sintoma disso era que “os franceses obtêm mais informações ouvindo as emissões francesas da BBC ou da *Radio Brazzaville* do que lendo a imprensa da Resistência, *Libération*, *Franc-tireur*, *Résistance*, *Défense de la France* ou *Combat*, que representam e ligam simbolicamente à Resistência”. A informação era secundária ao argumento.

Camus, é importante salientar, não participou das ações para além do periódico. Contribuiu com a orientação intelectual do jornal, escondendo documentos antinazistas, recrutando membros para a publicação. Durante o tempo de militância na resistência francesa, segundo Santos-Sainz (2016) e Carroll (2007), na mesma medida em que adquiriu importante credibilidade perante a opinião pública, Camus entrava, pouco a pouco, em desacordo com a intelectualidade da época. Sua inflexibilidade com as diferentes formas de totalitarismo, contrapunham o pragmatismo político das nações ocidentais (e apoiado pela comunidade francesa de modo geral e, em especial, pela maioria da intelectualidade) (JUDT, 2014). A seara política que contornara o cotidiano do argelino influenciou diretamente seu espólio jornalístico. A partir do levantamento de Jacqueline Lévi-Valensi, pode-se verificar que a amplitude de eixos temáticos tratados pelo escritor em sua passagem naquele veículo dá conta desde política interna e externa da França, política internacional, a questão colonial e temas mais abstratos — que acompanham o autor ao longo de sua própria literatura — a justiça, a imprensa, a igreja etc.

Posto isso, compreende-se que o jornalismo deste escritor, assim como o restante de sua obra, também é feito de ciclos — o primeiro como repórter e o segundo como editorialista — e, também por isso, exige uma investigação aprofundada. O progresso de sua carreira jornalística é acompanhado por eventos e temas indissociáveis de sua cronologia, como seu exílio da Argélia, a cisão com a intelectualidade francesa e sua luta contra os totalitarismos quaisquer que fossem e assim por diante. A prática jornalística de Camus não é descolada do legado bibliográfico deixado pelo autor e, portanto, evidencia sintomas de uma voz presente de sua época. O pensamento europeu do século XX ainda ecoa na contemporaneidade e a voz rebelde, representada pelo autor argelino, escala-se como um importante registro histórico do acaloramento das discussões públicas da época.

Camus e o jornalismo; Camus e a imprensa

A relação de Camus com a imprensa foi, em certa medida, ambivalente. Porque, apesar de ter se apaixonado pela profissão e feito dela uma de suas principais frentes de atuação, o argelino também tecia diversas críticas à imprensa francesa de sua época — e isso não se restringiu às publicações em jornais. O escri-

tor salientou, em entrevista, que sua entrada no universo jornalístico possibilitou com que ele, pela primeira vez, viajasse, atividade que considerava emancipadora e transformadora em sua trajetória de vida (CAMUS, 2012). Em *O estrangeiro*, a título de ilustração, o argelino retrata os jornalistas como abutres observando uma carniça, epitomado pelo diálogo entre um repórter e o protagonista Meursault: “sabe, tivemos de aumentar um pouco o seu caso. O verão é uma época morta para os jornais. As únicas histórias que valiam alguma coisa eram a sua e a do parricida” (CAMUS, 2020, p. 64); também Rambert, personagem de *A peste*, que toma decisões de modo irrefletido, impulsivo durante o romance. Com este ímpeto Camus alertava que a participação dos veículos durante a ruína da III República da França foi pautada pela corrupção dos valores que amparam a prática jornalística, conforme as palavras do autor, “fome de dinheiro e indiferença à grandeza se combinaram para dar à França uma imprensa que, com poucas exceções, não tinha objetivo algum além desse engrandecimento do poder de poucos e efeito algum senão o de rebaixar a moralidade de todos” (CAMUS, 2007, p. 22, tradução do autor). Em síntese, por esse motivo, Camus acreditava que a profissão requer uma formação intelectualizada, de modo que o jornalista tenha capacidade de compreender as condições históricas e, como consequência, exercer sua criticidade. Sem esquecer que o argelino estava inserido em períodos de grande turbulência, Winock (2000, p. 533) salienta que, por outra forma, “a guerra havia reforçado sua certeza da enorme responsabilidade do Jornalismo”. Isso quer dizer que “não se podia permitir que fosse exercido por meros amadores, comerciantes de papel ou proprietários preocupados unicamente com seus lucros. Era preciso substituir a imprensa venal antes da guerra por um Jornalismo probo, no qual os escritores teriam lugar” (WINOCK, 200, p. 533).

Esta postura arrivista fez da atuação dos veículos jornalísticos, ainda segundo o autor, uma mancha histórica na honra da nação. O excerto, bem como em outros escritos do autor, ressalta, de um modo ou de outro, a interpretação do poder interventor que o jornalismo possui na sociedade, assumindo seu papel proeminente para o bem-estar da nação. O argelino, aliás, forja sua própria concepção do que é o jornalista baseado em ser uma pessoa, supostamente, com ideias e, em ser, também, um agente público com responsabilidade de informar sobre o dia anterior; “em resumo, ele é um historiador do momento e a verdade deve ser sua preocupação primordial” (CAMUS, 2007, p. 24, tradução do autor).

O exercício da profissão entra em disputa diária com a mentalidade capitalista engendrada no *modus operandi* dos veículos — e, com frequência, a segunda vence a primeira —, de acordo com a leitura do argelino, pois, após a retomada da França, pouco (ou nada) fora alterado no fazer do jornalismo naquele período. O inédito, mesmo que sem grande relevância ao público, ganha destaque maior do que a verdade sobre o *status quo* ao qual a sociedade se encontra e, como consequência, vê-se “proliferação de layouts com o intuito de vender jornais, com manchetes em fontes largas sem qualquer relação com o valor da informação contida nos artigos que eles introduzem” (CAMUS, 2007, p. 25). Sob a preferência de agradar o interesse do público ao invés do interesse público, faz-se tábula rasa do próprio jornalismo. No concreto do expediente humano, a prática antagoniza aos ideais camusianos, colocando o escritor como minoria, ao constatar que sua acepção conotativa da prática jornalística não se confirma como regra, mas exceção.

Esta interpretação idiossincrática de Camus fora explicitada de maneira veementemente em um de seus textos ao *Combat* (intitulado *Le journalism critique*) e, de acordo com Santos-Sainz (2016), a sustentação argumentativa do escritor fundamenta uma teoria do jornalismo. Há um esforço por parte do autor em apresentar a sua visão da função desempenhada pelo jornalista na sociedade e, em seguida, de elucidar como a prática vigente se contrapõe para uma evolução do envolvimento do público com a agenda de seu país. Segundo Camus, então, o papel do jornalis-

ta na sociedade, para o autor argelino, não deve ser pautado em um simples ato de informar; sua arguição dá conta de construir criticamente a conjectura sob a qual se está versando, do contrário, o propósito do jornal é esvaziado. Em outras palavras, a informação pela informação não possui valor; a valoração reside na criticidade. Em razão da rede de fontes que se estabelece e do expediente ser ancorado na apuração de fatos, o jornalista tem maior amparo sobre o que acontece na sociedade, e, em virtude disso, deve fornecer uma leitura aprofundada de diferentes eventos, tratando das dimensões políticas e éticas nele engendradas — afinal, esta contextualização ambienta os fatos no calor de cada momento e descrever como os personagens estão inseridos em cada evento. Por conta disso, o argelino escrevera que “as notícias refletem as forças caóticas da história”, logo, “pode ser uma boa ideia registrar os pensamentos diários de um observador informado ou os pensamentos comuns de um número de observadores” (CAMUS, 2007, p. 33, tradução do autor) — eis o trabalho de historiografia do agora.

Considerando o exposto, cabe neste ponto de o trabalho pôr em diálogo com o Camus do *Combat*, o Camus de *Le Soir Républicain*, porque, em um manifesto (na época, censurado), o jovem jornalista antevê pontos que seriam aprofundados no decorrer de sua carreira — os quais funcionam também de síntese do pensamento que mais tarde seria amadurecido em seu articulismo no jornal da resistência:

Um jornal independente dá a origem de sua informação, ajuda o público a avaliá-la, repudia a lavagem cerebral, retira as injúrias, atenua, por comentários, a padronização da informação e, em suma, serve a verdade na medida humana de suas forças. Essa medida, por mais relativa que seja, pelo menos lhe permite recusar o que nenhuma força do mundo poderia fazê-lo aceitar: servir à mentira (CAMUS, 1939, s. p., tradução do autor).

Os principais epítomes deste jornalismo crítico ao qual o escritor argelino tanto salienta não estão em grandes avenidas e com grandes redações, tampouco são produtos de enormes conglomerados; a vivacidade deste fazer jornalístico tem sua gênese na insurreição contra as mazelas sociais, as injustiças que sentenciam populações. Este jornalismo fora desenvolvido nos escombros da sociedade, em virtude de sua autonomia editorial, de sua independência da publicidade e de sua liberdade para a crítica do ponto de vista político. A operação clandestina do *Combat* evidenciou o compromisso ético que aqueles jornalistas tinham com o bem-estar coletivo, com a democracia e com a verdade; pois, ao fim e ao cabo, “fora por este ideal que muitos de nós morreram em condições inimagináveis”, conforme relato de Camus (2007, p. 22, tradução do autor), “enquanto outros aguentaram a solidão e a coerção na prisão”.

Considerações finais

Ao observar o ensaísmo jornalístico camusiano, pode-se perceber que sua concepção acerca do jornalismo e da prática jornalística não estão descolados da figura que foi Camus em seu tempo: a ácida insurgência contra os poderes hegemônicos e um embasamento moralista autoformulado amparando seu próprio exercício. Sua leitura de o que é o jornalismo deve ser atrelado a um certo código de ética marginal e próprio do autor, que preza pelo companheirismo e um pacto declarado da profissão com a coletividade — e, por isso, atrelado a um senso de responsabilidade social inerente ao ofício sob o qual ele versou. Além disso, Camus vê como necessário para a prática jornalística, a independência, como garantidora da criticidade, e o pensamento crítico sobre a sociedade na qual o jornalista está inserido. Por isso, não se pode dizer, via de regra, que o argelino empreendeu uma visão original ou inédita sobre os temas tratados — o que, em nenhum grau, reduz o peso e o significado das palavras que dispôs nas páginas dos jornais em que trabalhou. Isso permite dizer que, em sua visão, o jornalismo há sempre de ser

pautado na comunidade e há sempre de ser contra-hegemônico; do contrário, não pode ser chamado dessa maneira.

Camus, diferentemente de filósofos como Georg Hegel (2014) e Immanuel Kant (2015), não estabeleceu um sistema filosófico, tampouco, como Ciro Marcondes Filho (2011) e Jorge Pedro Sousa (2005), elaborou uma Teoria do Jornalismo. O esforço do argelino, no entanto, faz valer como um registro importante de alguém que, de maneira manifesta, durante um período de repressão e, depois, de alta animosidade no debate público na França, demarcou um posicionamento que reivindicava valores a uma profissão que, em seu ver, tinha grandes chances de ser corrompida. Mais ainda, em defesa da luta por formatos jornalísticos alternativos, a contragosto das elites econômicas. As palavras do autor, portanto, sublinham a necessidade de se discutir o núcleo-duro do Jornalismo no plano da subjetividade e rever o *status quo* atual, questionando as práticas e os aspectos econômicos que a contemporaneidade carrega consigo. Permite, ao fim e ao cabo, questionar (e por que não reivindicar) uma acepção de jornalismo que foge aos manuais acadêmicos ou de grandes veículos, mas que é permeada por uma perspectiva ética que não foge do dissenso e o perfil de jornalista que, em média, tem-se hoje — comparando também com o perfil de Camus e o perfil demandado por ele.

Referências

ARONSON, Ronald. **Camus e Sartre: o polêmico fim de uma amizade no pós-guerra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

CAMUS, Albert. **A peste**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

CAMUS, Albert. **Le manifeste censuré de Camus**: En 1939, l'écrivain veut publier dans le journal qu'il dirige à Alger un texte vibrant qui invite les journalistes à rester libres. 1939. Disponível em: https://www.lemonde.fr/afrique/article/2012/03/18/le-manifeste-censure-de-camus_1669778_3212.html. Acesso em: 01 out. 2022.

CAMUS, Albert. **O avesso e o direito**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

CAMUS, Albert. Three interviews. In: CAMUS, Albert. **Lyrical and critical essays**. New York: Vintage Books, 2012.

CARROLL, David. Albert Camus — Political Journalist: Democracy in an Age of Terror. In: CAMUS, Albert. **Camus at Combat: writing 1944-1947**. Princeton: Princeton, 2007.

DOSSE, François. **A saga dos intelectuais franceses 1944-1989**. São Paulo: Estação Liberdade, 2021.

HEGEL, Georg. **Fenomenologia do espírito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

JUDT, Tony. **O peso da responsabilidade**: Blum, Camus, Aron e o século XX francês. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

KAPLAN, Alice. New Perspectives on Camus's Algerian Chronicles. In: CAMUS,

Albert. **Algerian Chronicles**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2013.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O princípio da razão durante**: comunicação para os antigos, a fenomenologia e o bergsonismo. Nova Teoria da Comunicação III — Tomo I. São Paulo: Paulus, 2011.

SANTOS-SAINZ, María. **Albert Camus, periodista**: de reportero en Argel a editorialista en París. Libros.com, 2016.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma teoria multifactorial da notícia. *In*: FIDALGO, António; SERRA, Paulo (Orgs.). **Ciências da Comunicação em Congresso na Covilhã**. CCCC. III SOPCOM. VI LUSOCOM. II IBÉRICO. v. 4. Campos da Comunicação. Covilhã: Universidade da Beira Interior/Labcom, 2005.

WINOCK, Michel. **O século dos intelectuais**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.